



## Indústria veterinária em crescimento

**A**pós registrar crescimento de 7,5% no faturamento em 2005, com o aumento de vendas para pecuária bovina, as projeções de avanço de mais 7% pelas indústrias de saúde animal se confirmaram em 2006. A alta foi impulsionada pela maior demanda nos setores de suínos e aves. Os baixos preços da arroba do boi durante o ano

passado esfriaram a demanda por produtos veterinários. As empresas acirram a competição com menores preços, e isso afetou a renda do setor.

Os números indicam expansão do mercado de produtos para saúde animal devido:

Ao aumento das exportações de produtos veterinários;

À maior conscientização dos cria-

dores sobre a importância de manter os rebanhos saudáveis, com programas sanitários eficientes.

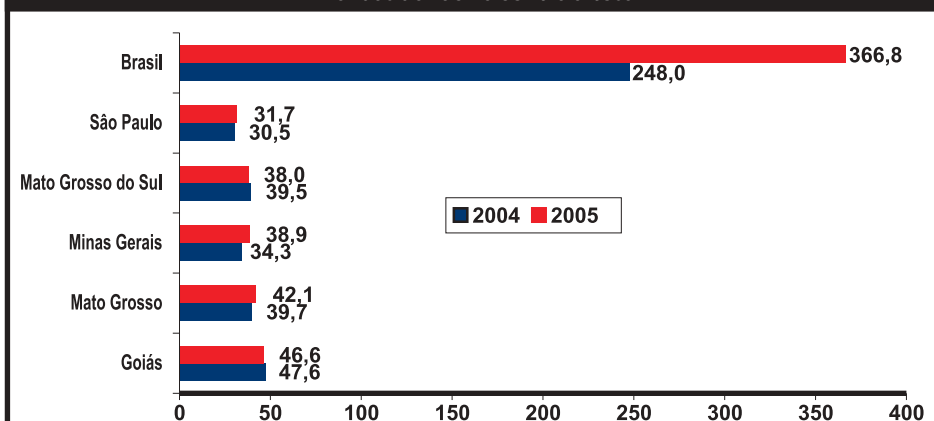
O surgimento dos focos de febre aftosa no Mato Grosso do Sul e Paraná estimulou as vendas de vacinas contra a doença – carro-chefe do setor. Em alguns Estados, a vacinação foi antecipada e, de modo geral, houve maior procura para evitar outros casos. A tendência é de normalizar a demanda, para cerca de 340 milhões de doses, após a corrida desenfreada pelas vacinas nos últimos meses.

Para 2006, as previsões de inflação entre 4% e 5% e de câmbio valorizado devem impedir reajustes de preços e segurar o crescimento do mercado em 6%. Existe uma disputa maior de mercado por preços. Com queda na renda, o setor pecuário ficou mais sensível a preços.

De acordo com o Sindan (Sindicato da Indústria de Defensivo Animal), os produtos voltados para bovinos cresceram 12,5% em 2005, para R\$1,287 bilhão. Isso equivale a 58% do faturamento das indústrias no período. A aftosa também estimulou as vendas de outros itens, como vacinas contra raiva e brucelose. As vendas de vacinas anti-rábicas cresceram 40% no ano, chegando a 113,5 milhões de doses, quando a meta era de 81 mil.

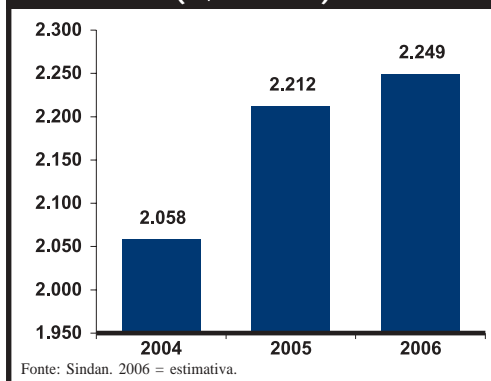
Com os problemas enfrentados pela cadeia produtiva em 2005, notadamente o baixo preço da arroba do boi, a menor cotação em 35 anos, muitos criadores investiram na produtividade, viável apenas com o rebanho saudável. A baixa lucratividade da pecuária, atividade responsável por 58% do mercado de produtos para saúde animal, motivou a mudança de mentalidade e o consequente investimento no aumento da eficácia produtiva por meio de programas sanitários. Os produtos veterinários representam

Vendas de vacina contra aftosa



Fonte: Sindan

### Brasil: faturamento da indústria veterinária (R\$ milhões)



em torno de 3% do custo do boi.

Além disso, a incessante discussão sobre sanidade, nas várias esferas de poder, nas entidades de classe, nos meios de comunicação e entre os próprios produtores, bem como os investimentos em modernização do parque industrial também contribuíram para o crescimento do setor de saúde animal como um todo em 2005 e sinalizam novos resultados positivos em 2006.

Os episódios em torno das questões sanitárias, registrados no País em 2005, como a febre aftosa no Mato Grosso do Sul, a não confirmada suspeita do foco da doença de newcastle também no MS e a preocupação cada vez maior com a gripe aviária, colocam em discussão o tema da sanidade, como item de fundamental importância para o sucesso do agronegócio brasileiro.

Na pecuária de corte, mesmo com todas as adversidades enfrentadas ao longo do ano, o Brasil bateu novo recorde nas exportações de carne bovina, superando US\$3,1 bilhões. O mesmo pode ser dito em relação às vendas externas de carne de frango, em que pese o aparecimento da gripe aviária na Europa.

As empresas do setor reclamam da burocracia nos processos como um dos entraves ao bom andamento da defesa sanitária no País, e definem como importante o desenvolvimento de um sistema que envolva procedimentos emergenciais, intensa fiscalização, legislação eficiente e disponibilidade de recursos.

O posicionamento do Sindan é de reforçar seu apoio ao Ministério

da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), e intensificar as parcerias mantidas em 2005, para aprimorar a regulamentação e a fiscalização de produtos veterinários. Um trabalho em sintonia com o governo e os produtores em todas as ocasiões. O objetivo é buscar a adequação da legislação para proporcionar aos laboratórios o desenvolvimento, o registro e a comercialização de produtos

para saúde animal que atendam às necessidades dos criadores de pequenos, médios e grandes animais.

### SUPERVACINA CONTRA A FEBRE AFTOSA

Os laboratórios fabricantes da vacina contra febre aftosa no Brasil pretendem reduzir o percentual de reatividade a anticorpos para uma parcela próxima de zero até 2008, para evitar diagnósticos de falso positivo nos exames de sorologia. Os investimentos no programa começaram a ser feitos há três anos e vão somar US\$2 milhões no fim do período.

Atualmente, a maior parte das vacinas distribuídas tem reatividade próxima de 2%. A reação aos anticorpos é causada por proteínas que se desprendem do vírus utilizado na composição da vacina. A presença dessas proteínas pode ser confundida com a do vírus causador da aftosa. O percentual de 1,5% a 2% é aceitável como reação à vacina, cuja qualidade com maior ou menor reatividade é a mesma.

Os testes realizados pelos laboratórios credenciados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) no gado com suspeita de contaminação no Paraná demonstraram reatividade de 12%, parcela que indica que os animais tiveram contato com o vírus, e não que se tratava de reação à vacina, segundo o presidente do Sindan. Como o vírus não foi isolado, porém, houve impasses entre o governo federal e o paranaense, que se recusou, inicialmente, a permitir o abate do rebanho.

## Imunização de 96% do rebanho

Pelo balanço do MAPA sobre as duas etapas da campanha de vacinação contra a febre aftosa em todo o País em 2005, a imunização alcançou 343,3 milhões de bovinos e bubalinos, o equivalente a 96,14% do rebanho nacional. As informações sobre a cobertura vacinal foram encaminhadas pelos órgãos executores estaduais de Defesa Sanitária Animal à Coordenação Nacional de Controle da Febre Aftosa da Secretaria de Defesa Agropecuária do MAPA.

O resultado foi considerado positivo nos estados classificados como "Zona Livre de Febre Aftosa com Vacinação" (Acre, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo, Sergipe e Tocantins), e a média de imunização dos animais ficou em 97,77%.

Nos Estados classificados como área de risco desconhecido, baixo ou médio risco na época da aplicação (Alagoas, Amazonas, Amapá, Ceará, Maranhão, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Roraima), a cobertura vacinal alcançou, em média, 89,31% do rebanho.

Os percentuais positivos reforçam a necessidade de manter o trabalho de mobilização entre os pecuaristas nas etapas da campanha de vacinação, sobretudo, nos estados onde os índices não atendem à recomendação da Organização Mundial de Saúde Animal, que é de 95%.

Neste mês, a primeira etapa da vacinação acontece em cinco estados e será acompanhada por técnicos das Superintendências Federais do Ministério da Agricultura em Minas Gerais, Bahia, Ceará, Espírito Santo e Rio de Janeiro.